



*“É difícil defender,
Só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina.”*

*(João Cabral de Melo Neto –
Morte e Vida Severina)*

A criança e a família: como se vive com naturalidade a pobreza nada natural

Jerusa Vieira Gomes*

A criança e o adolescente, juntamente com a mulher e a família, transformaram-se em objetos de estudo privilegiados por cientistas sociais, nas últimas décadas. No caso da criança, a atenção tem recaído em dois extremos: ou a criança-padrão, típica dos estratos médios, em que se baseiam as teorias psicológicas, ou o oposto dela, a criança abandonada e/ou que vive nas ruas. Desse modo, a criança pertencente às camadas populares, mas que não vive nem abandonada, nem nas ruas, tem sido a vítima do esquecimento de quase todos. É natural que a situação extrema de abandono e de desproteção mereça, em certo momento, maior atenção de todos nós. Contudo, acautelemos-nos: ao contrário do que muitos pensam, a grande maioria das crianças pobres vive o seu quinhão de miséria nos limites do próprio bairro.

Pilotti (consultor do Instituto Interamericano da Criança – IIN – em 1987), em artigo sobre a vida de menores no nível da chamada pobreza crítica, em cidades latino-americanas, divide-os em três grupos, segundo o grau de proteção familiar recebida: 1º) crianças apoiadas e protegidas por suas famílias, em seus lares – nesta categoria estariam as crianças das zonas rurais empobrecidas e algumas pertencentes às cidades, especialmente às cidades pequenas e médias; 2º) crianças que têm a rua como seu lugar de moradia, seu habitat – são as chamadas crianças da rua; 3º) crianças na rua – este seria o grupo majoritário, composto por aquelas que, possuindo uma família, passariam o dia na rua, de maneira a ajudarem a subsistência do grupo familiar⁽¹⁾. Esta classificação, de maneira geral, corresponde à adotada por aqueles que trabalham, hoje, com as questões relativas ao menor, faltando apenas acrescentar um quarto grupo, composto por crianças institucionalizadas, após uma história de abandono e/ou de marginalidade e de criminalidade. A classificação parece adequada, uma vez que permite discriminar os diversos “tipos” de crianças: o problema reside em se imaginar que apenas algumas delas, habitantes especialmente das cidades pequenas e médias, estariam apoiadas e protegidas por suas próprias famílias. Desonheço a realidade dos demais países latino-americanos,⁽²⁾ mas, no caso brasileiro, isso não faz sentido; todavia, esta é uma crença bastante disseminada entre nós. Imagine-se o que seria de nossas grandes cidades, onde proliferam bairros populares com alta densidade demográfica e, inclusive, com

percentagem significativa de crianças entre 0-12 anos, se a maioria das crianças passasse o dia nas ruas? Basta que imaginemos o que seria a vida no Rio de Janeiro se a maior parte dos menores favelados da zona sul descesse diariamente às ruas. Mesmo em São Paulo, com os bairros pobres situados em regiões periféricas distantes, o que ocorreria se os “exércitos” infantis se deslocassem diariamente para as ruas do centro e das zonas pobres? Certo, o contingente infantil (para não falarmos do juvenil) que vive nas ruas das grandes cidades é elevado e agride a dignidade e a consciência de todos nós. Não obstante, este contingente é infinitamente inferior àquele que vive nos bairros populares, entre a família, a rua, a escola e o trabalho. É sobre estas crianças pobres “comuns” que este artigo pretende chamar a atenção: porque são as mais esquecidas, e, neste sentido, talvez as mais marginalizadas, uma vez que delas a sociedade sequer se apercebe. Dito de outro modo, as crianças nas ruas e das ruas fizeram-se descobrir⁽³⁾; restaram as crianças dos bairros e nos bairros. Da descoberta da criança da Vila Helena trata o presente artigo.

VILA HELENA: A CRIANÇA NO BAIRRO

A descoberta da Vila, sobretudo de suas famílias e crianças, não foi empreitada de um só: Sylvia, Madalena e eu mesma, com projetos diversos e em épocas nem sempre coincidentes, dedicamo-nos a essa tarefa⁽⁴⁾. Assim, o que aqui vai escrito resulta deste esforço comum. Faz-se longo o tempo em que pela vez primeira uma de nós lá chegou: oito anos – tempo de nascimento, vida e morte. Uma geração

Jerusa V. Gomes



fez sua travessia infância-adolescência-adulto jovem; outra geração nasceu, tornou-se criança, começa agora a freqüentar a escola. Não, fosse o trabalho realizado, só esta familiaridade prolongada com o bairro e sua gente já seria o bastante para falar de sua criança. Do bairro mesmo escuso-me de aqui falar, é tarefa da Sylvia, neste mesmo número de Travessia. Não obstante, falarei da criança no bairro, descrevendo-a nas ruas, na escola e na família, e deixando para outra oportunidade a descrição de sua relação com o trabalho, porque os limites deste artigo não a comportariam.

a) **A criança nas ruas do bairro:** embora muito pobre, a Vila ainda é um bairro privilegiado – há misérias maiores cercando a metrópole paulistana. Ou habituei-me de tal modo à sua miséria que não mais a estranho? Receosa de mim mesma, lá retorno ainda uma vez, num dia de semana qualquer, obrigando-me a vê-la com olhos mais neutros, antes de escrever este artigo. Vou descendo, do alto aos baixos, a mesmice de sempre: mulheres às portas, conversando; ruas calmas, onde brincam crianças; poucos transeuntes; o caminhão de gás; um ou outro carro. Comparada aos sábados, domingos e feriados, a Vila parece triste, semi-morta. Começo a fotografar: o menino de bicicleta, carregando outro no quadro; o menino puxando o fio a uma pipa minguada, de plástico, dessas vendidas por camelôs, nas esquinas e nas feiras; meninos jogando bola; já bem embaixo, no limite da favela, dois que rolam pneus, do carro que dificilmente terão. O quadro é-me familiar, porque o ano todo as ruas da Vila são isso: o lugar preferido das crianças de todas as idades quando não estão na escola, no trabalho, nas ruas de outros bairros, ou até mesmo dentro de suas casas e barracos. Só nos fins-de-semana os pequenos perdem a quase exclusividade das ruas. Compartilhando-as, então, com os demais moradores que, num incessante ir e vir, percorrem-nas de manhã à noite.

Ditas as coisas desse jeito, parece que descrevo pobreza e não miséria. Mas não se engane o leitor, é miséria mesmo, daquela que, muito mais do que nas ruas e nos barracos, revela-se nos gestos, nas roupas e nos rostos – sobretudo os infantis –, a despeito dos sorrisos.

b) **A Criança na Escola** – Como tudo na Vila, a escola é precária, mais parece uma prisão, sequer tem espaço para um pátio (Educação Física só se for na rua). As dificuldades são de toda ordem, não vale a pena descrevê-las, pois são sobe-

jamente conhecidas. Aliás, graças aos esforços de sucessivos governos, as escolas públicas tomaram-se igualmente deficientes, principalmente as dos bairros periféricos. Contudo, as crianças da Vila vestem a melhor roupa que podem, calçam ao menos uma sandália, um tênis já excessivamente gasto, em suma, qualquer coisa que lhes sirva de calçado, e vão às aulas com um certo ar de orgulho. Para muitas a experiência dura pouco: saem por motivos vários, até mesmo sem motivos aparentes; para outras ela é "arrastada" durante alguns anos: poucas chegam a completar a 8ª série. Esta é uma situação encontrada com tanta frequência nas escolas destinadas a estas populações que já há até quem lhes credite incapacidade intelectual irreversíveis, decorrentes do desenvolvimento infantil em condições muito adversas. Contra esta falácia, insurgiu-se também Madalena Freire, após meses de trabalho com as crianças da Vila:

"Agora, com a prática nas mãos, constato, no meu dia-a-dia na Vila Helena, o que já acreditava: essas afirmações são crenças de quem tem outro tipo de concepção de educação, de visão de mundo.

Porque alimentadas minhas crianças não são, mas têm toda capacidade de pensar sobre a realidade da Vila Helena, sobre o que tem significado para elas. Pensar sobre algo que não lhes diz nada — não é pensar. O erro não está nas crianças, mas sim na escola alienada da realidade das crianças. Não são as crianças que estão despreparadas para a escola, mas sim a escola que desconsidera as diferenças de classe social e suas reais necessidades." (p. 101)



menores, é o local onde passam quase metade do dia, fora das ruas e sob o controle das professoras, permitindo que as mães trabalhem — nas casas delas ou de outros, bem como nas fábricas e nas firmas em geral —, sabendo os filhos protegidos.

c) **A Criança na Família:** intencionalmente deixei este aspecto por último — fica mais fácil fechar o círculo, e colocar em questão o que se tem dito sobre a relação criança-família popular. Começamos por falar um pouco sobre as famílias que habitam a Vila: em sua grande maioria, são todas muito pobres, originárias do interior de Minas Gerais e de Estados do Nordeste. Contudo, contrariando a estereotípia dominante, fundada na constante associação entre pobreza-migração-desarranjo familiar, são famílias organizadas segundo o modelo nuclear. Não obstante, mantêm todas elas estreitos laços com a família mais ampla, com os parentes, vizinhos e os compadres⁽⁵⁾. Desta maneira, as experiências da infância são um acontecimento

que — embora do ponto de vista pessoal seja sempre solitário — é partilhado por muitas outras crianças, num nível de intimidade inigualável e inimaginável a quem provenha de outras camadas sociais. O dia inteiro grupos de crianças, principalmente das menores, transitam de uma a outra casa, além de pelas ruas, claro. De fato, a família, na Vila, constitui o eixo da vida de todos: crianças, velhos e adultos. Dela se parte, para ela se volta, ou no intervalo de cada atividade específica, no caso das crianças, ou no fim do dia de trabalho, no caso dos adultos. Nestas famílias, à falta do pai, há a mãe, os avós, as tias, os irmãos mais velhos; à falta da mãe — o que é mais raro —, há o pai e/ou todos os já nomeados. Os membros existentes organizam-se de maneira a assegurar a permanência do grupo familiar, o que é comum a todas as camadas sociais. Os casos extremos, que conduzem ao abandono da criança, são em número insignificante. Há sem dúvida aquelas que produziram, não se sabe como (essa é uma gê-

nese ainda a ser estudada), menores que acabaram, sobretudo na adolescência e no início da fase adulta, trilhando o caminho da marginalidade e da criminalidade. Contudo, estes são casos isolados, pouco frequentes e de todos conhecidos: não podem ser generalizados.

Se a família constitui o eixo da existência, nela a criança cada vez ocupa posição mais central, tornando-se – a exemplo das famílias médias – o centro das atenções e das preocupações. A esperança das mães é de uma vida melhor para os filhos, o que corresponde a um trabalho “mais leve” no futuro. Enquanto a criança é pequena, ainda são amplos os sonhos maternos; com o decorrer do tempo, vão-se reduzindo, na proporção inversa em que aumentam a miséria e a consciência da falta de perspectivas futuras. As mães mais espertas têm lucidez suficiente para perceberem o quanto o amanhã dos filhos esgotar-se-á na repetição do já conhecido, da mesma miséria ancestral, apenas transformada e agravada, atendendo ao padrão da época. Enquanto isso, desenvolvem uma luta incessante, para ver se conseguem driblar o destino perverso. A história migratória relativamente recente permite-lhes, e aos demais adultos, manter ainda acesa, em suas memórias, a condição experimentada na própria infância: a subalteridade e a submissão; a severidade das punições, quase sempre injustas – muitos recordam-se das varas punitivas a abrir-lhes lanhos no corpo indefeso – a brincadeira pouca, em contraposição ao trabalho excessivo. Tudo isto aparece, em suas recordações, associado à secura das relações pessoais: entre adultos e crianças, entre os pais e os filhos, entre os homens e as mulheres, mesmo quando marido e mulher. De fato, no campo, a vida era dura para todos, nem a criança constituía exceção. Pelo contrário, no dizer de uma das mulheres, “eles pensavam que a gente era adulto igual a eles, em miniatura”. E, como adultos, viviam do trabalho, no trabalho, para o trabalho, num clima familiar afetivamente seco. Educá-los, nesse contexto, era tarefa sobremaneira simples: “criava assim como criação mesmo, como os animais, porque educação mesmo a gente não dava”. E isso era o bastante, porque, de geração a geração, vivia-se a mesma vida, sem alterações radicais. Até mesmo os desvios – separação conjugal, abandono da família e dos filhos, infidelidade, perda de virgindade e/ou aparecimento de mães solteiras –, que já eram todos conhecidos e apenas se agravaram na cidade, eram vividos com naturalidade e ti-



nham soluções aceitas por todos. O processo migratório alterou radicalmente este quadro porque implicou a progressiva e constante adaptação ao meio urbano, ou seja, a adoção de padrões urbanos de vida. No que se refere à criança, sobressaem: a emergência do direito de ser criança; a associação infância-brincadeira-escola; o desaparecimento do trabalho como atividade primordial infantil (agora, quando a criança trabalha, sabe que está a realizar uma atividade própria do adulto, não dela); o padrão de autoridade-submissão; abrandamento das punições; aumento das manifestações orais e corporais de afeto entre pais e filhos. Houve, sem dúvida, melhoria qualitativa na vida da criança – é possível que elas sejam menos oprimidas, porque seus pais acabam suportando

maior parcela da opressão social. Contudo, é necessário não esquecermos, as mudanças aqui apontadas só de longe podem lembrar as vividas em outros níveis sociais. As crianças das camadas populares experimentam-nas em situação de miséria extrema, o que vai torná-las absolutamente diferentes das demais. Na verdade, toda a situação por elas vivida na infância prepara-as para aceitarem com naturalidade a condição de subalteridade, de submissão e de extrema miséria, como algo muito natural. A partir disto, é fácil cumprir o destino: ser operário não qualificado é a máxima aspiração.

*Faculdade de Educação – USP

BIBLIOGRAFIA

- ¹PILOTTI, Francisco. El niño en las ciudades latinoamericanas. In: CARRION, Diego e VAINSTOC, Ana. *La Ciudad y los Niños*. Quito, CLASCO/IIN/IIED/CIUDAD, 1987, p. 55-63.
- ²Veja-se a este respeito: CARRION, Diego e VAINSTOC, Ana. *La Ciudad y los Niños*. Quito. CLASCO/IIN/IIED/CIUDAD, 1987.
- ³Sobre a vida dos menores em São Paulo, consultar, dentre outros: FERREIRA, Rosa Maria Fischer. *Meninos da rua: Valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. Comissão de Justiça e Paz/CEDEC, São Paulo, s/d.
- TELLES, Vera da Silva e ABRAMO, Helena W. *Experiência urbana, trabalho e identidade*. Apuntes a una investigación sobre menores proletários em São Paulo. In: CARRION, Diego e VAINSTOC, Ana. Op. cit. p. 197-214.
- GUIRADO, Marlene. *A Criança e a FEBEM*.

- São Paulo, Perspectiva, 1980.
- ⁴MELLO, Sylvia Leser de. e FREIRE, Madalena. *Relatos da (Con)vivência: crianças e mulheres da Vila Helena nas famílias e na escola*. *Cad. Pesq. São Paulo* (56), p. 82-105, fev. 1986 – p. 101.
- ... A sobrevivência no campo e na cidade, segundo o relato de mulheres da periferia**. São Paulo, Inst. de Psicologia, USP (mim.), 1985 (Tese de Livre-Docência).
- GOMES, Jerusa Vieira. *Socialização: um estudo com famílias de migrantes em bairro periférico de São Paulo*. São Paulo. Inst. de Psicologia, USP (mim.), 1987 (Tese de Doutorado).
- ⁵A este respeito, consultar os trabalhos de: DURAND, Eunice. *A Caminho da Cidade*. SP, Perspectiva, 1978.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Liv. Martins, 1964.